

# CEBs: MEMÓRIA E UTOPIA

## Reflexões a partir do 11º Intereclesial

Pelo Pe. Carlos César dos Santos,<sup>1</sup> Juiz de Fora, MG e  
Pe. Frei Gilvander Luís Moreira,<sup>2</sup> Belo Horizonte, MG

**Síntese:** *O 11º Intereclesial levantou poeira: muitos se perguntam pela relevância das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base –, em nossos dias. Há quem questione sua identidade teológica, eclesial e pastoral. Setores conservadores da sociedade e de igrejas preconizam a “morte das CEBs”, com o advento dos movimentos (neo)pentecostais... Estas e outras questões merecem um levantamento da memória bíblico-histórica das CEBs, com o objetivo de redefinir sua presença e ação em meio aos novos desafios. Enquanto portadoras de uma “espiritualidade libertadora”, as CEBs reafirmam seu projeto de “seguir Jesus no compromisso com os excluídos”, perseguindo a utopia do outro mundo e da outra Igreja possíveis. Este artigo revela que as CEBs estão vivas e firmes na luta.*

**Abstract:** *The 11st Interecclesiastic raised a number of issues: many wonder about the relevance of CEBs (BECs) – Basic Ecclesiastic Communities –, nowadays. There are those who questions their theological, ecclesiastic and pastoral identity. Conservative sections of society and churches are for the “death of CEBs”, with the coming of the (neo)pentecostal movements... These and other issues deserve a survey of the biblical-historical memory of CEBs, aiming at redefining their presence and action before new challenges. While bearers of a “liberating spirituality”, CEBs reaffirm their project of “following Jesus in the commitment with the excluded ones”, pursuing the utopia of the other possible world and Church. This article reveals that CEBs are alive and firm in their fight.*

### 1. Situando nosso tema

Em um misto de dores e alegrias que faz o cotidiano deste nosso país chamado Brasil, embarcamos no trem das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) que nos levou, conduzidos pelo Espírito que “adora variar” e

---

1. Presbítero e assessor das CEBs da Arquidiocese de Juiz de Fora/MG. Notas biográficas disponíveis no site: [www.carlosonline.net](http://www.carlosonline.net).

2. Frade e padre carmelita, mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma; professor de Lc e At no ISTA, em Belo Horizonte/MG, e no Seminário da Arquidiocese de Mariana/MG; assessor de CEBs, CPT, MST, SAB e CEBI.

faz “novas todas as coisas”, a Ipatinga/MG, onde celebramos, de 19 a 23 de julho de 2005, com a acolhida calorosa e fraterna da Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, o 11º Intereclesial das CEBs.

Nosso trem trazia uma lotação de aproximadamente 4 mil passageiros que foram acolhidos graciosamente por mais de 2.000 famílias que abriram portas, corações e lares para hospedar os participantes do 11º Intereclesial! A julgar pela partida de Vitória/ES, onde aconteceu o 1º Intereclesial (1975), quando os viajantes não passavam de 30, este crescimento revela, não só pelos dados numéricos, mas, sobretudo pela grandeza de iniciativas e práticas alternativas consolidadas no país e no continente (Grito dos Excluídos, Ação pela Cidadania, Luta pela Reforma Agrária, Combate à Fome etc.), a relevância do projeto CEBs no seu conjunto, enquanto “fermento na massa” que trabalha para edificar uma Nova Sociedade e uma Nova Igreja.

Quem esteve presente em Ipatinga sabe que seria humanamente impossível descrever toda a riqueza deste “novô Pentecostes” que, alimentado pela *espiritualidade libertadora*, (re)uniu povos e línguas, raças e nações, e celebrou, de fato, o amor do Deus libertador, parceiro dos pobres e oprimidos, renovando em todos o empenho em *seguir Jesus no compromisso com os excluídos*. Por isso, nosso trabalho não tem a ilusão nem a pretensão de esgotar a grandeza e preciosidade conquistada no 11º. Quer ser, ao contrário, uma entre muitas outras contribuições que certamente aparecerão e ajudarão a compor o quadro artístico de “uma Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus”.<sup>3</sup>

Propomo-nos, assim, fazer um caminho que pode ser o mais longo, mas, talvez, o mais eficaz, tendo em vista, sobretudo, duas questões de fundo que, a nosso ver, perpassaram este último Intereclesial: 1) a da presença expressiva da juventude e, com ela, a manifestação do rosto jovem das CEBs; e, 2) a da *legitimidade* ou *identidade* das CEBs nos dias atuais, como revela o depoimento de um seminarista: “Sempre me senti atraído pelas CEBs, mas nunca foi possível conhecer de perto e participar. Agora que chegou a oportunidade, um amigo em minha diocese me disse: ‘Vá e vá depressa, enquanto ainda há tempo, porque as CEBs estão em fase de extinção e logo desaparecerão’”. O mesmo seminarista, perguntado ao final do encontro se as CEBs de fato estavam morrendo, como prognosticara seu amigo, nos responde entusiasmado: “Claro que não! As CEBs estão vivas e muito atuantes! Viva as CEBs!”

---

3. Tema do 1º Intereclesial das CEBs, Vitória/ES, 1975.

É claro que a avalanche de (neo)pentecostalismo, trombeteado aos quatro ventos por rádios e TVs com práticas religiosas anestésicas, tenta vender a idéia de que as CEBs morreram. Roubam a visibilidade das CEBs, mas elas perseveraram firmes na caminhada e fiéis na missão de fermentar a massa.

Julgamos, então, conveniente recolher em rápidas pinceladas alguns elementos históricos relativos às CEBs, para, em seguida, contextualizá-las na sociedade contemporânea, com a dupla finalidade de *recuperar a memória para perseguir a utopia*.

## 2. Retrospectiva: o berço das CEBs

A história das CEBs, na verdade, vem de longe.<sup>4</sup> Remonta às comunidades primitivas (cf. At 2,42-47; 4,32-37; 5,12-16), testemunhas da ressurreição do Senhor em meio à perseguição do Império Romano. Em Ilhéus/BA, no 10º Intereclesial, há 5 anos, levantávamos a memória das “CEBs, povo de Deus, 2000 anos de caminhada!”.

As CEBs têm uma origem próxima e uma origem remota; são um jeito muito moderno e muito antigo da Igreja ser Povo de Deus, a mais bela intuição do Concílio Vaticano II.

Olhando mais longe, na história, podemos dizer que, em última instância, as CEBs são filhas de Abraão e Sara, um casal de sem-terra que entrou para a história como pai e mãe de três religiões monoteístas: o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. As CEBs estavam sendo gestadas já no movimento das mulheres<sup>5</sup> e das parteiras<sup>6</sup> do Egito, quando, por volta de 1200 aC, fizeram greve e promoveram desobediência civil, diante de um Decreto-Lei (ou Medida Provisória) de um faraó que dizia: “se a criança que estiver nascendo for homem, mate-a”. Com essa postura corajosa e profética, as parteiras viabilizaram o nascimento de muitas crianças, entre as quais Moisés, um dos libertadores do povo hebreu das garras do império dos faraós.

As CEBs nasceram no Movimento de Jesus de Nazaré que, ao optar pelos pobres e excluídos, testemunhou um jeito de viver libertário. As

---

4. Para uma visão de conjunto e mais detalhada do assunto, ver o estudo da Arquidiocese de Juiz de Fora: *CEBs: Que são? Onde vêm?*, disponível no sítio: [www.cebsuai.org.br/histcebs.htm](http://www.cebsuai.org.br/histcebs.htm).

5. O livro do Êxodo registra o nome de doze.

6. A Bíblia, sabiamente, registra o nome de duas: Séfora e Fuá.

CEBs estavam na origem do/s cristianismo/s, nas Primeiras Comunidades Cristãs que, sob a liderança dos Helenistas<sup>7</sup> e das mulheres, foram, de casa em casa, vivenciando o projeto do Evangelho de Jesus que é ótima notícia para os pobres, mas péssima notícia para os opressores.

No Brasil e na América Latina, as CEBs (re)nascem especialmente em fins da década de 50 e início dos anos 60 do século XX, impulsionadas pelo novo modelo eclesiológico defendido pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, na Constituição *Lumen Gentium*, que recupera e reconhece o lugar do Povo de Deus, não mais apenas como “destinatário passivo” da evangelização, mas como “sujeito eclesial” e “protagonista da ação evangelizadora de toda a Igreja”. Vale lembrar que, em nosso continente, originariamente, as CEBs são identificadas como “comunidades cristãs de base”.<sup>8</sup> Posteriormente serão denominadas “comunidades eclesiais de base”. Esta mudança, porém, não sugere, como poderia induzir, uma espécie de substituição do seguimento de Cristo (cristãs) pelo da Igreja (eclesial). Ao contrário, parece evidenciar a reformulação teológica (eclesiológica) do conceito “comunidade” que, se “cristã” (seguidora de Cristo), torna-se, naturalmente, *eclesial*, se entendemos que a missão da Igreja é congregar o povo de Deus para ser sinal do seu Reino e “sacramento universal de salvação”,<sup>9</sup> que deve transformar todas as realidades, precisamente no sentido que segue: “O novo que as CEBs trouxeram foi o fato de oferecerem, *dentro da Igreja*, um espaço para o próprio *povo simples* participar da evangelização da sociedade através da *luta pela justiça*”.<sup>10</sup> Estas pequenas comunidades passarão, então, a responder a dois desafios fundamentais:

---

7. Os sete escolhidos para anunciar a palavra e para exercer a solidariedade sem discriminar ninguém – Estevão, Filipe... Também fazem parte dos Helenistas os apóstolos Barnabé, Paulo, os missionários Silas e João Marcos e muitas mulheres, tais como Lídia, Tabita, Rodes...

8. Nome que aparece, por exemplo, no documento da Conferência Episcopal de Medellín/Colômbia, em 1968. Será oportuno lembrar que estas “comunidades cristãs” nascem e se desenvolvem com relativa autonomia e em espírito de liberdade frente seja ao Estado, seja à Igreja oficial, conforme nos atesta a pesquisa publicada pela CNBB, já em 1974: “...a própria formação de uma CEB significa impreterivelmente uma reação a uma forma antiquada de pastoral, de catequese, de vida espiritual, e também de atividade política, na medida em que a CEB inclua fins sociais gerais. O próprio sentido esperado de que cada CEB tenha uma vida mais ou menos autônoma indica a possibilidade de que realize valores e normas diversas das convencionais. Ela não seria satélite, nem da Igreja oficial, nem do sistema político vigente. Mas, pelo contrário, ambos, Igreja e Estado, são vistos em dimensão crítica, pelo menos no sentido de que os parâmetros convencionais não esgotam as possibilidades de oferta de uma vida mais plena” (CNBB. *Comunidades: Igreja na base* – Estudos da CNBB 3 –, 3ª ed., Paulinas, São Paulo 1977, p. 37).

9. Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, Decreto *Ad Gentes*, 5.

10. CNBB, *Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil* (Documentos da CNBB, 25), Paulinas, São Paulo 1985, n° 63. Os grifos são nossos.

1. *A repressão das ditaduras militares* que se consolidavam pela América Latina com o apoio do império estadunidense, fechando todos os espaços de reunião, manifestação e organização do povo;
2. *a reversão do processo eclesial* definido pelo Concílio Vaticano II, restituindo ao povo de Deus voz e vez, poder de participar e decidir, missão e ministérios, Bíblia e liturgia etc.

É a partir deste contexto que as CEBs desempenharão papel importante na construção de uma Nova Sociedade e de uma Nova Igreja. Inseridas nos meios populares, onde os pobres e excluídos sofrem, lutam e se organizam, são portadoras da luz da Palavra de Deus que ilumina os processos de libertação integral, na defesa de vida nova e plena para todos e tudo. No campo social são responsáveis pela articulação, mobilização e fortalecimento dos movimentos sociais e populares que trabalham por direitos humanos, dignidade, liberdade, justiça e paz.

No terreno eclesial assumem o protagonismo dos leigos e leigas, na gestão de uma Igreja mais democrática e participativa, mais ministerial e missionária, mais ecumênica, solidária e servidora, sacramento do Reino de Deus *no e para* o mundo, conforme a proposta do Vaticano II.

Por terem encarnado com coragem, fidelidade e perseverança esta sua dupla vocação de origem (transformação da sociedade e da Igreja – ou das igrejas), as CEBs entraram para o patrimônio da fé, tendo sido reconhecidas por documentos como a *Evangelii Nuntiandi* (A evangelização no mundo contemporâneo), de Paulo VI, que as considera “lugar de evangelização” e “esperança para a Igreja universal” (nº 58); ou no documento da Conferência Episcopal de Puebla/México (1979) que as aponta como “motores de libertação e desenvolvimento” (nº 96); ou, ainda, no já citado documento 25 da CNBB (1985), onde aparecem como “uma alternativa de educação para os que buscam uma sociedade nova, onde o individualismo, a competição e o lucro cedem lugar à justiça e à fraternidade” (nº 40).

Nas últimas quatro décadas, as CEBs foram um celeiro de vocações libertárias, políticas e sindicalistas, uma sementeira de movimentos populares e de pastorais sociais (como a CPT – Comissão Pastoral da Terra, CIMI – Conselho Indigenista Missionário, Pastoral Operária, Pastoral da Mulher Marginalizada, da Criança, do Povo de Rua etc). Grande parte das lideranças do PT – Partido dos Trabalhadores (lamentamos que muitos tenham perdido esta referência) e do sindicalismo combativo nasceram nas CEBs. O MST – Movimento dos Sem-Terra é também devedor das CEBs.

### 3. A carteira de identidade das CEBs

Muitos são os jovens (cronologicamente) e joviais (principiantes) que se perguntam pela *identidade das CEBs* ou, mais concretamente, *o que é que caracteriza uma CEB?* Com o que refletimos até aqui e tendo em vista a importância da questão que, a nosso ver, não pode ser respondida de maneira redutora ou simplista, correndo o risco de minimizar toda a grandiosidade do projeto CEBs, sugerimos um caminho em mão dupla, listando, por um lado, *o que as CEBs não são*; e, por outro, *o que as CEBs são*:

<i>O que as CEBs não são</i>	<i>O que as CEBs são</i>
– movimento de Igreja	– estrutura de Igreja: sal, fermento, luz;
– grupo sectário, fechado ao diálogo e ao diferente;	– fundamentalmente ecumênicas: abertas ao diálogo e à inclusão; inculturadas e inclusivas;
– concentração de riqueza, prestígio e poder;	– superação da tentação do poder-dominância; poder participado, partilha do ser e do ter a serviço de todos;
– palavreado sem repercussão na prática;	– saber e ser, falar e agir se articulam para mudar o mundo e as igrejas;
– alienadas da realidade e da vida;	– encarnadas na realidade do povo que sofre e luta por melhores condições de vida; libertadoras.
– espiritualistas desencarnadas; fé volatilizada;	– “espiritualidade libertadora”, que encontra na Palavra de Deus a luz para transformar as realidades sócio-políticas e económicas;
– confusas na relação fé/política;	– unem fé e vida, religião e política;
– celebração sem ação e atualização;	– celebração da vida atualizada na ação;
– egoístas/individualistas;	– solidárias e fraternas na defesa dos interesses da coletividade;
– descomprometidas com a justiça;	– combativas na luta contra tudo o que oprime e exclui “mulher e homem – imagem de Deus”;
– igrejas que metem medo nas pessoas;	– mantêm vínculo estreito e fidelidade total a Jesus, a seu caminho, a seu projeto;
– igrejas que imprimem sentimento de culpa.	– têm uma consideração e carinho especial pelos pobres e excluídos;
– alimentadoras de dualismos.	– alimentam a comunhão eclesial e a relação de tudo com tudo;

<i>O que as CEBs não são</i>	<i>O que as CEBs são</i>
– salvação é uma questão individual.	– salvação é graça e é algo comunitário, implica libertação integral;
– promotoras de individualismo.	– mesmo em meio à dor e sofrimento – e até por causa da dor e do sofrimento – são testemunhas da alegria;
– enfatizam demasiadamente nossa dimensão pecadora	– conservam viva na mente, no coração e na liturgia a memória e comunhão com os mártires da caminhada;
– pensam que a vida tem uma dimensão mágica.	– pensam que Deus age nas entranhas da história ;
– defensoras de moralismo.	– proclamam: a vida acima de tudo; ética, sim; moralismo, não!
– defensoras ingênuas das Instituições.	– participam ativamente nas “ferramentas do Reino” (pastorais sociais, associações de bairro, movimentos populares, ONGs, sindicatos, partidos políticos etc.)
– redutoras do ser humano a mero consumidor.	– denunciam a idolatria do mercado e do capital.

Esta listagem, que pode ser ampliada, pode contribuir para desenharmos o perfil ou a identidade das CEBs: comunidades que, vivendo em um mundo marcado pelas leis iníquas do mercado, do capital e do lucro, sobrepostos à pessoa e à vida, a partir da opção pelos pobres, iluminam com a luz da Palavra de Deus, na Vida e na Bíblia, toda a realidade a ser transformada, destacando-se pela força do testemunho de vida partilhada, na alegria da fraternidade e na eficácia da solidariedade.

No plano eclesial, “as CEBs abriram um novo e fecundo espaço de participação dos leigos na Igreja... porque propiciam uma nova e mais variada distribuição dos vários serviços e ministérios eclesiais. Essa maior participação dos leigos e o surgimento de novos ministérios são dois frutos da maior significação na vida da Igreja”.<sup>11</sup>

Na sociedade, portanto, que contradiz violentamente o projeto de Deus, negando à massa de excluídos os direitos mais fundamentais à vida e à dignidade, como na Igreja, que nem sempre é capaz de descentralizar o poder em função da co-responsabilidade e colegialidade nos mais diversos níveis, “o importante é que são geralmente os pobres, ao

11. CNBB, *Comunidades Eclesiais...* (Doc. 25), nº 78.

mesmo tempo oprimidos e crentes, os membros das comunidades eclesiais de base. Eles constituem a base da sociedade (classes populares) e da Igreja (leigos)”<sup>12</sup> que, no cumprimento da missão de ser sal, fermento e luz, devem realizar um processo de conversão permanente para conformar-se aos ideais do Reino de Deus.

#### 4. As CEBs e o novo panorama sócio-eclesial

##### 4.1 *A conjuntura sócio-econômica e política*

Parece ser hoje de consenso que a grande batalha travada no passado contra a ditadura militar foi vencida. Esta batalha, no entanto, não significou o triunfo da guerra que prossegue, em nossos dias, com o que chamaremos a “ditadura econômica” ou “ditadura do mercado”. Peneirando a conjuntura percebemos que são outros os desafios, mas não menos graves, comprometendo a vida, a dignidade e a paz da maior parte do povo.

Os Estados Unidos continuam liderando – ainda que por meios mais sofisticados e o cinismo que lhes é peculiar – o placar que marca gols em favor da consolidação do império, com apoio total, geral e irrestrito, agora do “deus mercado” que está acima de todas as leis. Para restabelecer sua balança comercial, cujo déficit ultrapassa a de todos os tempos já vistos, institui como regra o “vale tudo” na ciranda do capital, que passa a ser o “deus” das sociedades contemporâneas. Consumismo descomedido, individualismo, acúmulo de poder e de riqueza serão, então, algumas das manifestações concretas desta opção configurada na globocolonização e no neoliberalismo.

No nível estratégico-militar, para garantir presença, domínio e retorno dos seus objetivos geradores e concentradores de bens, o caminho alternativo é o do desespero: investida para impor a ALCA – Área de Livre Comércio das Américas; instalação de bases militares em vários países da América Afrolatíndia; intervenção e controle econômico através de organismos como FMI – Fundo Monetário Internacional –, BC – Banco Central – e OMC – Organização Mundial do Comércio; manipulação da dívida externa conforme interesses dos países credores, jogando a taxa de juros sempre para cima, de forma absurda; guerra agora denominada “preventiva” para combater o “terrorismo”. Enquanto redigi-

---

12. L. BOFF, *Igreja: carisma e poder*, Vozes, Petrópolis 1982<sup>3</sup>, p. 196.



mos este texto, somos tomados de surpresa pela notícia da eliminação brutal de Jean Charles, o brasileiro confundido em Londres como terrorista. A polícia inglesa assassinou Jean Charles com sete tiros na cabeça, sumariamente. A recente intervenção no Iraque, tal como a do Golfo Pérsico, levantou igualmente a bandeira do combate ao terrorismo, quando os mais lúcidos sabem que o que estava em jogo era o petróleo...

O que há de mais maléfico nesta política é que, no seu conjunto, tudo parece diabolicamente arquitetado para que se chegue à conclusão: a longa e tenebrosa história de ingerência norte-americana na América Afrolatíndia, fomentando, sustentando ditaduras militares e atentando abusivamente contra a soberania e autodeterminação dos povos não é terrorismo, mas apoio para “defender o povo do comunismo”. O respaldo incondicional ao *apartheid* na África do Sul, responsável pela discriminação, exclusão e banimento da raça negra, não é terrorismo, mas “defesa dos direitos dos brancos”. A interferência, direta ou indireta, através de guerras ideológicas, bacteriológicas, quentes, frias, em países como Nicarágua, El Salvador, Guatemala, Granada e tantos outros, dizimando populações inteiras de pobres indefesos e inocentes, não é terrorismo, mas reforço para que sejam recuperadas as “liberdades democráticas”.

Segundo a ONU, hoje são gastos anualmente, na Europa e nos EUA, US\$ 12 bilhões em perfumes, US\$ 8 bilhões em cosméticos e US\$ 17 bilhões em comida para animais domésticos. O mundo gasta, por ano, US\$ 780 bilhões nas forças militares. Esses números atestam a perversidade do sistema imperante hoje no mundo e são a ponta de um *iceberg* de injustiça estrutural que clama aos céus.

Internamente, as conseqüências práticas desta ideologia funesta logo se fazem sentir e saltam aos olhos: desemprego e subemprego, fome, miséria, exclusão, doença, analfabetismo, latifúndio e toda espécie de problemas sociais, implantados pela imposição dos mais fortes (mercado) sobre os mais fracos (empobrecidos).

Entre as tantas paisagens que vimos desfilar pela janela do trem das CEBs, impressionou-nos sobremaneira aquele rosto marcado pelo calor do sol para ganhar, ao final de uma jornada de trabalho, na colheita de café, a quantia irrisória de R\$ 4,00. Um tempo, portanto, avassalador, considerado por muitos “intolerável” e “excludente”, pois “para chegar onde pretende, a globalização neoliberal precisa excluir quem não se in-

tegra dentro das regras do mercado, seja porque produz mercadoria lucrativa, seja porque não tem capacidade econômica para se tornar consumidor”.<sup>13</sup>

Por fim, *the last, but not least*, e estreitamente vinculada ao mecanismo de concentração do capital, está a crise da corrupção que se revela alastrada hoje por todo o país. Vem de longe, mas agora está sendo desmascarada. Desta crise que na verdade já assombrava os bastidores do velho sistema, vindo à tona, para infelicidade geral da nação, com o governo do PT, podemos aventurar algumas intuições que talvez contribuam para clarear os desafios do momento presente:

1. A corrupção não parte dos pobres e excluídos, mas precisamente daqueles que, concentrando a renda da nação nas mais diversas instâncias (monetária, empresarial, latifundiária etc.), são os principais responsáveis pela fabricação do empobrecimento e da exclusão. Donde se conclui que o povo brasileiro, espoliado dos seus direitos mais elementares, deve se unir e se organizar para combater ostensivamente a corrupção, atualizando o grito que já ressoava em Puebla: “Que se derrubem as barreiras da exploração!” (nº 28).
2. A dimensão profética da *denúncia* e do *anúncio*, que aparece na Carta Final do 11º Intereclesial, é motivação e mobilização de toda a sociedade brasileira, chamada, neste momento, a resistir e somar esforços para defender o que conquistamos e conquistar o que ainda nos falta para ser uma nação livre, justa e soberana:

“Conscientes do nosso compromisso com a transformação do Brasil, reafirmamos o nosso apoio ao projeto que sonhamos para nosso país, projeto que ajudamos a construir e destinado a incluir tantos irmãos e irmãs, sem vez e sem voz. O atual modelo econômico é intolerável. Ele subordina nosso país ao capital financeiro e desestrutura nossa sociedade. É urgente o esclarecimento dos fatos de corrupção política ocorridos no atual governo e nos anteriores, punindo-se exemplarmente os responsáveis. Exigimos o restabelecendo da transparência e da ética na esfera política e social. Comprometemo-nos a seguir somando forças com os movimentos populares, sindicais e outras instituições da sociedade civil e a nos mobilizar para mudarmos esta situação, engrossando o mutirão *Por um Novo Brasil*, a que nos chama a IV Semana Social Brasileira” (nº 13).

---

13. CNBB, *Texto-base do ano vocacional 2003*, nº 55; cf. M. SANTAYANA, Um tempo intolerável, em: *Correio Brasiliense*, 25/04/01, p. 5.

3. Em todo este processo, nunca esquecer a advertência de Jesus: “simples como as pombas e astutos como as serpentes”. O PSDB e o PFL aplaudem, felizes, a política do “quanto pior melhor”,<sup>14</sup> de olho gordo nas eleições presidenciais de 2006: desqualificar o PT e reforçar nas classes populares a idéia de que os partidos são todos iguais é a chave para matar o projeto de mudanças estruturais e fazer o Congresso Nacional voltar a ser um espaço exclusivo das elites, sepultando a experiência de organização política de base que levou ao Parlamento representantes de setores, até então, excluídos do poder.<sup>15</sup>
4. Todo processo histórico tem de se submeter obrigatoriamente à crítica e à autocritica para purificar e alcançar o estatuto da maturidade. Não é diferente com o PT, conforme deixa transparecer o desabafo de Dalmo Dallari: “Eu acredito que o PT seja integrado por uma maioria de pessoas sérias, a começar pelo próprio Lula. O partido tem de fazer uma depuração. Tem de tomar essa iniciativa. Pessoas sérias não podem conviver com delinqüentes”.
5. Nem todo mundo é corrupto e a esperança não está indo para o ralo. A esperança está sendo filtrada, purificada e passada no crisol. É chegada a hora de perceber que a esperança genuína não vem mais do Palácio do Planalto, mas vem dos porões da humanidade, dos grotões, dos vales, das montanhas, das encostas, dos morros, dos mangues, das gerais, onde os pobres gemem e, de forma organizada, clamam por direitos e empreendem marchas libertárias, como a 2ª Marcha da Reforma Agrária, de Goiânia a Brasília, de 1 a 17 de maio último, com mais de 12 mil sem-terra.
6. É hora de discernimento. Não dá para acreditar ingenuamente em tudo o que a mídia trombeteia, pois a mídia brasileira é um latifúndio controlado por poucas famílias que deixa milhões de sem-comunicação sob efeito de calmante. Entretenimento, em circo televisivos, é a regra da programação da TV do Brasil, salvo exceções. Há jornalistas sérios, mas há também grandes interesses dos donos dos meios de Comunicação.
7. Existe muita corrupção, mas há também uma verdadeira e séria luta para descobrir quem é corrupto ou corruptor, e responsabili-

---

14. Cf. *Análise de conjuntura/Junho 2005*, disponível nos sítios: [www.cnbb.org.br](http://www.cnbb.org.br) ou [www.cebsuai.org.br](http://www.cebsuai.org.br).

15. Cf. *Idem*.

zâ-los. É preciso perceber que, neste momento, estão atuando também fariseus interessados em desmoralizar o governo de Lula. Há interesses do imperialismo estadunidense em fragilizar o processo de soerguimento da América Afrolatíndia. Os povos da Venezuela e da Bolívia estão se levantando e lutando por soberania. Interessa ao império do Tio Sam encabrestar novamente o Brasil nas próximas eleições presidenciais. E para isso, no Brasil, o governo norte-americano conta com uma elite vassala dos seus interesses imperiais. É muito provável que se comprove que, no exercício do poder, líderes do PT se corromperam. Tudo precisa ser apurado com o máximo de rigor. A crise política do Brasil é complexa, exige discernimento crítico.

8. A corrupção é uma chaga grave existente no Brasil, mas não é o problema do Brasil. Ela faz parte da engrenagem capitalista. Lutar contra a corrupção implica lutar contra os pseudovalores do sistema capitalista: a concorrência, a competição, o acúmulo: lucrar e lucrar cada vez mais, passar a perna nos enfraquecidos e, enfim, seguir a Lei de Gerson: Onde reina o capitalismo, sempre haverá alguma corrupção.
9. A reação dos segmentos organizados da sociedade está sendo muito positiva e constitui uma chance de provocar uma mudança de rumo. Esta reação se articulou de uma postura unitária, de uma boa representação da sociedade civil e dos movimentos sociais “contra a corrupção e a desestabilização política do governo. Por mudanças na política econômica, pela prioridade dos direitos sociais e por reformas políticas democráticas”. É extremamente significativa esta formulação, porque vincula, o que não faz de modo geral a mídia, a luta contra a corrupção com a luta por uma outra política econômica e pela reforma política democrática. Portanto, sinaliza uma mudança de rumos que pode fazer o governo retornar ao ideário em função do qual foi eleito.
10. Não precisamos apenas de ética, mas acima de tudo de pessoas éticas, pessoas sensíveis que sintam o sofrimento dos outros. Eis um imperativo necessário para passar o Brasil a limpo: Quem souber de alguma corrupção deve denunciar. Não pode se omitir! Deixar de denunciar a corrupção é um desserviço aos pobres. As práticas dos corruptos e corruptores devem ser trazidas à luz do dia. É hora de seguirmos o exemplo de Eriberto, o motorista de

Collor que teve a coragem de denunciar a malandragem do presidente “collorido”. Assim, puxou o tapete que escondia a sujeira da era da caça aos marajás. Eriberto e o povo, exercendo sua cidadania, cortaram o tendão de Aquiles de um Golias que impoentemente foi vendido ao povo como um salvador da pátria.

11. Não precisamos de apenas ética na política partidária, mas de pessoas éticas na sociedade. Temos que continuar organizando o povo a partir de lutas concretas. É por aí que cultivamos uma esperança orgânica. É ilusão acreditar em salvadores da pátria. Só transformaremos o Brasil de baixo para cima e de dentro para fora.
12. É hora de ouvir o grupo Capital Inicial e, antes, Caetano Veloso cantarem em *Podres Poderes*, de autoria desconhecida “enquanto os homens exercem seus podres poderes, motos e fuscas avançam os sinais vermelhos e perdem os verdes, somos uns boçais (...) Será que nunca faremos senão confirmar a incompetência da América católica que sempre precisará de ridículos tiranos?” Não basta pegar pela orelha os corruptos e corruptores do mundo da política e do empresariado, em uma atitude farisaica. É preciso também fazer autocrítica a partir do questionamento de Jesus: “Quem não tiver pecado, atire a primeira pedra.” (Jo 8,7).
13. O governo de Minas Gerais, por exemplo, acolitando a elite do agronegócio, se vangloria ao anunciar que Minas exportou 10 bilhões de reais em 2004 (14% da exportação nacional). Foram 2 bilhões em minério, 1,2 bilhão em café e na centésima posição 34 milhões em produtos eletro-eletrônicos. Devíamos nos envergonhar disso! A política do “exportar é o que importa” diz, nas entrelinhas assim: “Somos colônia. Estamos colocando nos grandes cargueiros transatlânticos os nossos recursos naturais. Exportamos muita água ao exportar cereais. Estamos muito felizes com isso. Queremos continuar sendo colônia. Queremos continuar de joelhos diante dos impérios do mundo.” Em nome do progresso e de um falacioso desenvolvimento sustentável, a elite do Brasil impõe um projeto bárbaro para a sociedade que é, na prática, “furoturicídio”.
14. Para enfrentar a aridez e o cinismo no deserto do real, devemos descobrir razões mais profundas para se amar a verdade e defender o bem-comum. Para isto faz bem levar sempre no coração e

na memória Diógenes, o cínico que, com uma lanterna acesa ao meio-dia, procurava um Homem. É bom inspirar-se em Jesus Cristo que teve a grandeza de consolar os aflitos e incomodar os acomodados. Devemos honrar Gandhi que lutou contra o imperialismo com coerência, fazendo boicote dos produtos do império, construindo uma resistência com métodos de paz. Gandhi animava os pobres dizendo: “Quando me desespero lembro-me de que em toda a história a verdade e o amor sempre venceram. Houve tiranos e assassinos e, por um tempo, eles pareciam invencíveis mas, no final, sempre caíam. Pense nisto. Sempre.”

15. É hora de abrir os olhos para ver os clamores que vêm dos porões da sociedade, abrir o coração para ter compaixão cristã e abrir as mãos para partilhar e organizar. “Já não temos onde plantar e colher; nosso sítio foi inundado. Até o cemitério onde estão enterrados nossos avós foi encoberto pelo lago da usina”, desabafa um dos atingidos pela barragem de Candonga, em Minas Gerais. “A gente não tem para onde fugir. Viemos parar aqui neste barranco, porque não encontramos onde morar”, diz soluçando um sobrevivente de desmoroamento, com lágrimas nos olhos. “A nossa vila está morrendo, pois aqui, se dá um tiro em um, acerta dez, pois instaura o medo. Sob o império dos traficantes, ninguém vê, nem ouve nada. Se falar, morre logo em seguida”, denuncia Raquel, uma favelada.
16. É hora de apoiar o projeto de convivência com o semi-árido que está construindo um milhão de cisternas. Uma mulher do semi-árido, com os olhos brilhando de alegria, disse: “A melhor coisa que aconteceu em 50 anos foi construir uma cisterna para segurar a água da chuva”.
17. É hora de seguir o exemplo de luta dos povos indígenas, tais como os Tupiniquim e Guarani do Espírito Santo que não se ajoelharam diante do poderio da Aracruz Celulose. Considerando-se espoliados por um acordo forçado com os antigos caciques, em 1998, as jovens lideranças indígenas decidiram resgatar sua cultura e sua dignidade, fazendo a autodemarcação de suas terras e reorganizando uma aldeia que havia sido destruída para a plantação de uma monocultura de eucaliptos.
18. É hora de continuar denunciando os políticos corruptos, corruptores, clientelistas e fisiológicos, pois pela Lei 9840 – que proíbe

o abuso econômico nas campanhas eleitorais – já foram cassados 164 prefeitos, vereadores e deputados, condenados por abuso de poder econômico ou por clientelismo.

19. É hora de seguir o rumo indicado pelo povo boliviano que se levantou mais uma vez para defender a soberania do país, como o fez também outras vezes, inclusive para impedir a privatização da água. No final de maio, depois de três semanas, a paralisação do país era quase total. A mobilização popular reclamava: “nem 30%, nem 50%: nacionalização!”. Luta bonita pela soberania sobre os recursos naturais, exemplo que deve ser seguido pelo povo brasileiro.
20. É hora de repetirmos com Rubem Alves: “A política, como vocação, é a mais nobre das atividades do ser humano; como profissão, a mais vil.” Não podemos jogar todos os políticos na lata de lixo. Há políticos com vocação para lutar pelo bem comum. Esses merecem respeito.
21. É hora de perceber que da elite não vem salvação, só exploração, pois o historiador José Honório Rodrigues alerta: “A elite brasileira nunca se reconciliou com o povo, negou seus direitos, arrasou sua vida e, logo que o viu crescer, negou-lhe pouco a pouco sua aprovação, conspirou para colocá-lo de novo na periferia, no lugar que continua achando que lhe pertence.”
22. É hora de ouvirmos o conselho de Martin Luther King: “É melhor tentar e falhar do que se preocupar e ver a vida passar. É melhor tentar, ainda que em vão, do que se sentar sem fazer nada. Eu prefiro caminhar na chuva, nos dias tristes, a me esconder em casa. Prefiro ser feliz, embora louco, a viver na conformidade. Acredito que um dia homens e mulheres vão descobrir que foram criados para a convivência fraterna e seguirão líderes que vivem esta realidade. Temos de aprender a viver juntos como irmãos ou perecemos juntos como loucos. Se soubesse que o mundo se desintegraria amanhã, ainda assim plantaria a minha macieira. O que me assusta não é a violência de poucos, mas a omissão de muitos. Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos”. O filósofo Platão, em meio à crise da cultura grega, alertava: “as coisas grandes só acontecem no turbilhão da *krisis*”. Em grego, as palavras *crise* e *crecimento* têm a mesma raiz. Ou seja, a crise traz também um potencial de crescimento.

23. Enfim é hora de se inspirar no educador revolucionário Paulo Freire que dizia: “Não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens”.

#### 4.2 *A conjuntura eclesial*

É complexa e praticamente impossível uma análise de conjuntura eclesial que contemple fielmente tudo o que diz respeito seja ao comportamento da Igreja nas sociedades de hoje, seja à maneira como ela é vista pela humanidade no conjunto de seus atores sociais, religiosos ou não.

Nas três últimas décadas, constata-se uma onda de (neo)conservadorismo<sup>16</sup> que atinge e põe em xeque os espaços eclesiais (as igrejas), enquanto lugar de organização e militância que tem como meta a libertação integral, consolidada na “opção pelos pobres” (Puebla). Os exemplos de Cuba e, mais especialmente, da Nicarágua, cujo processo revolucionário contou com a participação majoritária dos cristãos, contribuíram para fortalecer esta ideologia que passa a ver, na Igreja dos pobres, uma grande ameaça aos interesses do império, devido ao seu potencial libertador e transformador das realidades de opressão e injustiça.

É nesta conjuntura agressiva e desestabilizadora que terá início um longo inverno para a Igreja “Povo de Deus” e, por conseguinte, para as CEBs. Muitos são os que, dentro e fora das igrejas, aceitam, passiva ou ingenuamente, o ópio oferecido pelo império. A sujeição aos interesses imperialistas passará, então, a ser mediada pelo religioso, com a função específica de neutralizar os conflitos e frear os processos de libertação. Neste contexto, as igrejas particulares serão “convocadas” a enquadrar-se na lógica da Grande Disciplina.<sup>17</sup> Paralelamente ao neoliberalismo político e com a globocolonização da economia setores da Igreja começam a divulgar, mundo afora, um “neoliberalismo religioso” ou um pro-

---

16. Cf., p. ex., a obra bem fundamentada de A.M. EZCURRA, *La Ofensiva Neoconservadora. Las Iglesias de USA y la Lucha Ideológica hacia América Latina*, IEPALA, Madrid 1982; ou, a de D.M. LIMA, *Os demônios descem do Norte*, Francisco Alves, Rio de Janeiro 1987, que é uma amostragem pertinente da ingerência e manipulação norte-americana do religioso na América Latina via “seitas”. No plano ideológico, lembramos o *Documento de Santa Fé* e o *Plano Banzer*, que são uma leitura sócio-política da conjuntura latino-americana e da influência das igrejas nos movimentos de transformação social. Estes documentos estabelecem metas claras e precisas para limitar e, a curto e médio prazo, eliminar os efeitos provocados seja pela adesão à Teologia da Libertação, seja pela alternativa oferecida pelas CEBs.

17. Cf. J.B. LIBANIO, *A volta à Grande Disciplina*, Loyola, São Paulo 1983.



jeto de “pensamento único”, que acaba por inibir toda a beleza da diversidade das igrejas locais que costuram unidade em um grande pluralismo. Há representantes, “de lá e de cá”, implementando práticas conservadoras e restauradoras da Grande Disciplina, o que, na prática, contradiz o Espírito do Concílio Vaticano II. Promove-se o esvaziamento de temas importantes como Igreja-Povo-de-Deus, ecumenismo, inculturação, a legítima autonomia das igrejas locais etc. As CEBs, mesmo que de forma velada ou dissimulada, são incompreendidas e, em alguns casos, desprezadas, quando não atacadas, por setores da Igreja configurados nos seus quadros mais conservadores, como são, p. ex., os movimentos católicos transnacionais: *Opus Dei*, Comunhão e Libertação, Movimento Carismático, Neocatecumenato e outros. São lançadas suspeitas de politização e marxização da fé cristã. No entanto, não se percebe a capitalização da fé cristã que, muitas vezes, acaba acontecendo em grupos que não aceitam uma interpretação bíblica libertadora com uma exegese bem fundamentada, que atualiza e contextualiza a Palavra. Em geral, as leituras bíblicas escolhidas são aquelas que satisfazem os próprios interesses para justificação de posturas evangelicamente suspeitas. Há que considerar também que muitos dos novos padres são oriundos do movimento carismático ou de outros movimentos conservadores. Há uma avalanche de espiritualismos que tentam induzir a juventude a expressões religiosas mais desencarnadas da fé.

Para todo este cenário, será fundamental não esquecer as colunas das igrejas primitivas – Pedro, Tiago e João –, que, ao acolher os clamores da igreja de Antioquia (da periferia), relativos à superação da obrigatoriedade da circuncisão para os gentios que aderiam ao cristianismo, exortaram vivamente as comunidades: “Não impomos nada. Apenas alertamos: não esqueçam dos pobres” (Gl 2,6.10). Era hora de “criatividade fiel”, mais do que “fidelidade criativa”. Melhor dizendo, urge a “reinvenção criativa”.

Nesta visão de conjunto, em que *fé* e *ideologia* se misturam e se aliam, não para fortalecer os fracos, como é de se esperar em sentido genuinamente bíblico e teológico, mas, ao contrário, para enfraquecer e minar a luta de libertação dos pobres e excluídos, julgamos importante destacar os principais e grandes desafios colocados pelo mundo contemporâneo, e que, se enfrentados e encaminhados na perspectiva do diálogo e do seguimento de Jesus, poderão contribuir para restituir credibilidade e atualidade à Igreja:

4.2.1 *Deslocamento do lugar eclesiológico*. Constata-se que o centro de gravidade da Igreja mudou, já durante o século XX da Europa para o Terceiro Mundo, com 62% de todos os católicos hoje na América Latina, África e Ásia. As igrejas nessas regiões se destacam na luta pela justiça social, direitos humanos, combate ao desemprego, defesa da vida, negociação ou supressão das dívidas etc. Em contrapartida, costumam ser mais ortodoxas (nos seus setores mais conservadores) em questões como celibato, rituais litúrgicos e o papel da mulher na Igreja.

4.2.2 *Crise vocacional*. As estatísticas atuais são contraditórias. Há dados segundo os quais, nos próximos 10 a 20 anos, os clérigos da Igreja enfrentarão uma queda dramática em suas fileiras, conforme os padres vão morrendo ou se aposentando. Há quem questione a qualidade da nova safra de padres que, conforme muitos testemunhos, tem deixado a desejar. Mas há também quem entreveja um certo crescimento vocacional, insuficiente, porém, para responder às necessidades da Igreja. Em qualquer hipótese, o fato é que ainda há muitas paróquias ou comunidades sem padre residente, o que, por alguns, é considerado fator positivo, favorecendo a valorização da missão e do protagonismo de leigos e leigas.

4.2.3 *O celibato*. A falta de padres e o “escândalo” de clérigos abusando sexualmente de crianças nos Estados Unidos, na Irlanda e em vários outros países, fizeram com que alguns progressistas pedissem o fim da antiga tradição do celibato eclesiástico. Os liberais dizem que as regras tradicionais desencorajam as vocações e pedem reformas que incluam o casamento de clérigos. Já outros, conservadores, atribuem a culpa às reformas modernizadoras e pedem o retorno à ortodoxia. A hierarquia católica, por sua vez, valoriza o celibato como “dom de Deus” que liberta os padres, deixando-os livres para servir a Deus e a seu povo. Não há nenhum passo concreto na direção do diálogo com padres casados que deixaram o ministério.

4.2.4 *Moral sexual*. A encíclica *Humanae Vitae* do papa Paulo VI (1968), proibindo métodos de controle da natalidade artificiais, abriu uma grande polêmica entre a Igreja e muitos fiéis que discordaram desta posição. João Paulo II pregou vigorosamente as virtudes da castidade antes do casamento e o planejamento familiar natural. Cresce no Ocidente, dentro e fora da Igreja, a abertura, o respeito e a inclusão dos homossexuais. Enquanto isso, há quem, na Igreja, considere a homossexualidade como uma “patologia”, fechando os canais de diálogo para refletir e aprofundar questões em torno da sexualidade, que têm repercussões profundas na vida de clérigos e leigos.

4.2.5 *A questão de gênero.* A crescente igualdade entre homens e mulheres nos países desenvolvidos também levou ativistas a reclamarem da proibição da Igreja, entre outros, à entrada de mulheres para o sacerdócio ministerial. O assunto, que encontrou eco inclusive na pauta de algumas conferências episcopais foi, em seguida, arquivado. Tal atitude gerou, por um lado, protesto de grupos feministas organizados e, por outro, afastamento de mulheres que, consideradas aptas para servir, mas excluídas dos centros de decisões, não encontraram mais na Igreja o seu lugar.

4.2.6 *A credibilidade do Concílio Ecumênico Vaticano II.* Com o longo pontificado de João Paulo II, a impressão que se tem é que, apesar dos esforços empreendidos, a Igreja do Vaticano, ao querer fazer todas as igrejas particulares imagem e semelhança da igreja sede, castrou todo o potencial de *aggiornamento* sonhado por João XXIII, retardando o “acerto de contas” com a história em duas questões fundamentais:

- a) *Ecumênica* – para responder aos desafios lançados pela Reforma Protestante (séc. XVI), que rompeu a unidade com a Igreja romano-católica: enquanto o Vaticano II propunha unidade em torno de convivência, fraternidade, ação solidária, projetos comuns, diálogo, respeito etc., confundiu-se tudo isso com mera “unidade eclesiástica”, manifestando um evidente “complexo de superioridade católico”.
- b) *Modernidade iluminista* – marca o início da era da “razão autônoma” (Kant), com o posterior desenvolvimento da tecnologia, das liberdades civis e democráticas: para estas expressões legítimas, humanas e sociais que correspondem ao projeto de emancipação e secularização, a resposta da Igreja foi de desconfiança, crítica e condenação, por um lado; e, por outro, de construir uma unidade cultural a partir dos valores morais cristãos, sem levar em conta o novo panorama de uma sociedade pluralista.

Reler e beber na fonte do Vaticano II (1962-1965) – bem como sua adaptação para a América Latina em Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992) – para torná-lo conhecido em tudo o que significou de avanço para a Igreja e o mundo continua sendo desafio e compromisso.

4.2.7 *Um novo Concílio Ecumênico.* A vida continua e, com ela, continua a caminhada, continua também a necessidade de renovar, transformar, revolucionar, atualizar (inculturar) a mensagem diante dos grandes e novos desafios impostos pela realidade que, especialmente na era da tecnologia e cibernética, muda todos os instantes. Uma das principais motiva-

ções do Vaticano II foi o grande apelo lançado pelo drama da Segunda Guerra Mundial. Hoje temos a “guerra preventiva”, a guerra da fome, da miséria, da exclusão, a guerra do desemprego e subemprego, a guerra da dívida interna e externa... e mais: agro-negócio, densidade demográfica, poluição, problemas de terra, de água, exclusão de mulheres, índios e negros, bebês de proveta, divorciados, amasiados etc. Para responder a todos estes novos “sinais dos tempos e dos lugares”, a Igreja deverá saber “sentar-se à mesa” em um processo conciliar permanente, desta vez, como irmã entre irmãos que dialoga, ama, respeita, valoriza, promove, reconcilia, independentemente de sexo, cultura, raça ou religião.<sup>18</sup>

4.2.8 *Revisão do ministério de Pedro*. Fala-se hoje como, aliás, já fora solicitado pelo próprio João Paulo II,<sup>19</sup> da revisão deste ministério, que desenhe o “perfil de um novo papado”, e que se impõe, nas palavras de D. Pedro Casaldáliga, como “condição para restituir credibilidade à verdadeira Igreja de Jesus, com uma re-estruturação radical da Sé Apostólica, de um novo modo de exercer o ministério de Pedro: sensível, como o coração de Jesus, ao clamor da pobreza, do sofrimento e da deriva; sem estado pontifício e com uma cúria leve e servidora; profeticamente despojado de poder e de luxo; apaixonado pelo ecumenismo e pelo diálogo inter-religioso; desabsolutizado e colegial; descentralizador e verdadeiramente ‘católico’ no pluralismo cultural e ministerial; como uma mediação religiosa – em colaboração com outras mediações, religiosas ou não – a serviço da paz, da justiça, da vida”.<sup>20</sup> A revisão do ministério do papa, porém, não acontecerá jamais de cima para baixo. Deve ser conquistada a partir da base, onde estão as Comunidades Eclesiais.

Todos estes desafios nos colocam diante de um dilema inevitável que já fora profetizado por Paulo VI, quando recorda que a Igreja para evangelizar deve ser evangelizada, ou, mais recentemente, por Santo Domingo, quando enumera as características da “nova evangelização”, ou ainda por D. Eurico Veloso, quando diz que “a Igreja não pode e não deve contentar-se apenas com as conquistas do passado, dando-se por satisfeita com uma pastoral de manutenção”: Ou a Igreja muda para acompanhar, dialogar e responder aos “sinais dos tempos e dos lugares”,

---

18. Para toda esta perspectiva, ver o nosso trabalho: “Na casa do Senhor não existe satanás”. É diabólico ou profético o sonho de um novo Concílio Ecumênico?, em: *Convergência* 377 (2004) 549-563. Saiu também em *Grande Sinal*, set./out. 2004/5, 537-555.

19. Cf. *Ut Unum Sint*, 88-96.

20. *Circular Fraterna* 2005, disponível no sítio: [www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br](http://www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br).

partindo para a conquista dos “areópagos modernos”, ou ela perde o trem da história e trai a sua missão de ser sacramento do Reino *no e para* o mundo.

### 5. 11º Intereclesial das CEBs: marco histórico e mediação profética

É *no mundo* que está em jogo a construção do *Reino de Deus*. Em nossas sociedades dilaceradas pelo sofrimento e pela sujeição de tantas vítimas inocentes ao mercado idólatra, “o local para o qual convergem por necessidade profetismo e utopia é o Terceiro Mundo, onde a injustiça e a morte são intoleráveis, e onde a justiça e a vida são tão necessárias como água no deserto”.<sup>21</sup> Neste palco dramático, mas também desafiador, o 11º Intereclesial entra para a história reunindo e fortalecendo as CEBs como sinal profético de esperança que encoraja para lutar e realizar o “outro mundo possível”, urgente e necessário, bem como “outra igreja possível”.

Aqui, no entanto, convém lembrar o que já afirmamos em relação ao PT: todo processo histórico requer pelo menos duas atitudes para levar a bom termo seu projeto:

1. *Avaliação, crítica e autocrítica* que, por sua vez, exigem honestidade e humildade. Um participante, depois de ouvir as maravilhas das trocas de experiências que saíam no seu grupo e vagão, não deixou esconder sua perplexidade humilde: “Estamos apenas começando a aprender a amar!”
2. *Contemplanar o processo no conjunto*, e não somente nas partes, para não correr o risco de ter uma visão caolha ou redutora tanto da realidade, como da grandeza do projeto.

Por isso, subdividiremos este item em duas etapas complementares, levantando, por um lado, aqueles aspectos negativos que, com a caminhada, estão sendo trabalhados e purificados, e, por outro, o que as CEBs representam no mundo em termos de “realização das promessas” para o presente e o futuro da nossa história.

---

21. J. SOBRINO, Reverter a história, em: *Concilium* 308 (2004) 138-148, aqui, 147.

### 5.1 *Aparando arestas*

Entre as muitas dificuldades inerentes à caminhada de todo mortal, destacamos algumas tentativas que se inscrevem no quadro das “tentações satânicas”, e podem emperrar o projeto das CEBs como alternativa de libertação:

- A cisão patológica entre “ser” e “saber”, teoria e prática, palavra falada e palavra vivida, severamente criticada pelo saudoso Paulo Freire, que sentenciava: “Teoria sem prática é verborrêia e prática sem teoria é ativismo”. Em contexto bíblico, a Palavra de Deus, tanto no Primeiro como no Segundo Testamento, é educação permanente que conduz o povo a tornar-se *ouvinte e praticante* da Palavra.
- A tendência ao “estrelismo”, expressa especialmente no diálogo entre duas participantes do Intereclesial, onde uma perguntava, referindo-se aos teólogos presentes em encontros anteriores, onde estavam as “estrelas”, e a outra respondia: “Estrela somos todos nós. O povo de Deus é a grande estrela!”
- O sectarismo que, apesar de refletir e aprofundar o seguimento de Jesus no compromisso com os excluídos, apresenta casos em que, contraditoriamente, se fecha ao diálogo, à acolhida do diferente, a outras culturas...
- O “eu” (individualista), ainda sobreposto ao “nós” (comunitário), manifestado na falta de capacidade de acolher o outro, escutar com paciência, carinho e atenção, e abrir-se para a verdade que está presente também na voz do irmão ou da irmã.
- A espiritualidade que, mesmo se querendo “libertadora”, em determinadas circunstâncias, aparece como desencarnada e até alienada, sem conexão com a vida e a política, no compromisso de transformar as realidades sócio-históricas.
- Fé, celebração e oração, desvinculadas da vida, gerando posturas ambíguas e separando o sagrado do profano, com repercussão direta no comportamento humano que passará a atuar de acordo com o espaço: se for sagrado, tenho que ser santo; se for profano, posso agir como qualquer um.

### 5.2 *As luzes superam e clareiam as trevas*

Não poderíamos terminar nossa reflexão sem mostrar o outro lado da moeda, que supera infinitamente o que há de negativo e é luz que continua vencendo as trevas e, por isso mesmo, razão e força na caminhada:

- Para começar, o 11º Intereclesial, 5 dias de encontro para celebrar nossas lutas e vitórias: Que deixamos? Que queremos? Que pretendemos fazer com tudo o que colhemos desta experiência de vida, de alegria e solidariedade?
- As iniciativas promovidas pela CNBB (ou que têm o seu apoio) e abraçadas pela Igreja do Brasil como: mutirão de superação da miséria e da fome, movimento fé e política, década contra a violência, campanha pelo desarmamento, pela demarcação das terras indígenas e pela reforma agrária, ação pela ecologia, desenvolvimento sustentável, pescadores, migrantes, mulheres marginalizadas etc.
- Os Fóruns Sociais nos diversos níveis (mundial, nacional, local), oficiais ou alternativos, que proclamam, a partir de lutas concretas, cada vez com mais vigor que “um outro mundo é possível”.
- A Via Campesina – em Minas Gerais, integrada por MST, MPA, MAB, CPT, CAA, Cáritas – cresce e atua, sonhando e realizando a terra sem males, tendo inaugurado, em 23 de janeiro de 2005, a Escola Nacional Florestan Fernandes (Guararema/SP), a maior escola de Reforma Agrária do país e, provavelmente, do mundo.
- Desmascaramos e, em parte, freamos a ALCA e a base militar americana que queriam colocar em território nacional.
- Israel e o Povo Palestino dialogam sobre passos concretos, em direção à paz tão sonhada.
- A “esquerda” começa a erguer a cabeça em vários países da América Latina e até da Europa, e crescem o mal-estar e o protesto diante da farsa da democracia neoliberal. Exemplo disso é a criação da TELESUL, um canal de TV organizado pela Venezuela, por Cuba, pelo Uruguai e pela Argentina, que será um veículo de integração das lutas libertárias de toda a América Afrolatíndia.
- Partidos e sindicatos, de direita ou pseudo-esquerda, vêm sendo desmoralizados, enquanto cresce o Movimento Popular com suas manifestações e reivindicações em nível nacional, continental e mundial (cf. Semanas Sociais, Grito dos Excluídos, Consciência Negra, Defesa dos Direitos Humanos, Fé e Política, Semana da Mulher etc.).
- Aumentam as pressões em favor de um plebiscito sério, oficial e transparente para renegociar ou cancelar a dívida externa. Já está aprovado que em 23 de outubro de 2005 haverá um plebiscito sobre o desarmamento no Brasil.

- O Protocolo de Kyoto, que, em suma, defende em suas teses a construção de uma sociedade sustentável, começa a ser desengavetado.
- Enfim, cresce em todo o mundo o que Pedro Casaldáliga qualificou recentemente de o “grupo dos contra” que se revela, simultaneamente, como o “grupo a favor”, no quadro que segue:

<i>Contra:</i>	<i>A favor:</i>
– o G-8 e o Consenso de Washington	– da solidariedade;
– o domínio do “pôquer do mal”: BM, FMI, OMC...	– da justiça;
– a hegemonia militar de uma única superpotência;	– das liberdades;
– a ingerência desta superpotência no destino de outras nações	– da democracia popular e participativa
– a guerra preventiva, fria, quente ou morna;	– da vida;
– o terrorismo de Bush ou de seus aliados no mundo afora.	– da paz;

## 6. Conclusão: As CEBs vivem!... E perseguem a utopia

De modo todo especial, corajoso e profético, foram nossos irmãos indígenas e afro-brasileiros, presentes ao 11º Intereclesial que nos deram algumas lições importantes de “espiritualidade libertadora”. Para eles, *espiritualidade e vida*, em todos os sentidos (biológico, natural, rítmico, lúdico, guerreiro etc.), estão entrelaçadas na harmonia unitária do todo. “Ter fé pra nós – dizia Zenilda Xucuru, a índia viúva de Chicão Xucuru<sup>22</sup> – é ver Deus em tudo: na natureza, na água, no sol, na lua, na festa, na dança... é também ser valente e ter coragem de lutar para derrotar o poder do mal”.

À luz desta fala de Zenilda, nunca é demais lembrar que poderíamos e deveríamos recuperar toda a *dimensão sacramental* da presença de Deus em tudo (natureza) e em todos (humanidade). A delimitação dos sacramentos em sete, não encontra fundamento na tradição cristã primi-

22. O Cacique Francisco de Assis Araújo, conhecido como Chicão Xucuru, após ser ameaçado de morte diversas vezes, foi martirizado no dia 20 de maio de 1998, no município de Pesqueira, estado de Pernambuco. Desde 1985, o Cacique liderava a resistência do povo Xucuru, distribuído em 23 aldeias com 7.600 índios Xucuru lutando pelo reconhecimento e demarcação da terra tradicional indígena compreendida em 27.555ha, no município de Pesqueira. Firme na luta, Chicão Xucuru sempre dizia: “Em cima de medo, coragem! O homem precisa respeitar a Natureza e o povo.”



tiva, e algumas listas que datam já do início da Idade Média relacionam mais de duzentos sacramentos!<sup>23</sup> Deus, presente no mundo e no homem/mulher, é permanente convite à responsabilidade de se construir um mundo marcado pelo amor divino, que acabará por convencer a todos de que “o maior sacramento é o irmão” (Paulo VI).

A partir desta visão sacramental integrada podemos intuir alguns elementos constitutivos de uma espiritualidade libertadora que nos faça resistir à idolatria do mercado nas suas múltiplas faces e perseguir a utopia de construir o Reino de Deus em um mundo que seja testemunho de unidade, na justiça e na solidariedade:

1. A espiritualidade libertadora é casada, unida à vida, onde oração e ação, sagrado e profano, fé e compromisso com a justiça são os ingredientes, distintos, mas inseparáveis, que sustentam a vida cristã no seu conjunto: “...do mesmo modo que o corpo sem o espírito é cadáver, assim também a fé: sem as obras ela é cadáver” (Tg 2,26).
2. A espiritualidade libertadora é experiencial, vivencial, isto é, marcada pela experiência de quem vê, conhece, ama e anuncia o Cristo, Caminho, Verdade e Vida, que não é tão somente personagem histórica do passado, mas força do presente que atua, modifica, transforma a vida de quem se abre para o seu projeto, e refaz o seu caminho na opção por realizar o Reino na história: “Vão e anunciem: ‘O Reino do Céu está próximo’. Curem os doentes, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça, dêem também de graça!” (Mt 10,7.8).
3. A espiritualidade libertadora contempla Deus e seu Espírito na realidade, nos conflitos, no sofrimento humano etc., oferecendo, não respostas fáceis e imediatistas, mas caminhos de solidariedade com os que sofrem: “Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês estarão cumprindo a lei de Cristo” (Gl 6,2).
4. A espiritualidade libertadora organiza a esperança dos pobres e excluídos, em uma ação política conjunta e planejada para responder e encaminhar os grandes desafios lançados pelos sinais dos tempos: “Felizes de vocês, os pobres, porque o Reino de Deus lhes pertence” (Lc 6,20b).

---

23. Cf. CENTRE SAINT-DOMINIQUE, *Os Sacramentos* (Iniciação à Teologia, Primeira Série, 11), trad., de I.P.L.Ferreira/M.L.J.Amarante, Paulinas São Paulo 1980, 19. No mesmo contexto, é sempre atual o trabalho de L BOFF, *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*, Vozes, Petrópolis 1975.

5. A espiritualidade libertadora é ecumênica e “macro-ecumênica”, abrindo-se ao diferente e inusitado, para somar com todos, católicos ou não, cristãos ou não, “religiosos” ou não, na luta por justiça e liberdade, que são expressões concretas do Reino no mundo: “De fato, estou compreendendo que Deus não faz diferença entre as pessoas. Pelo contrário, ele aceita quem o teme e pratica a justiça, seja qual for a nação a que pertença” (At 10,34b.35).
6. A espiritualidade libertadora é servidora e samaritana, comungando com a massa de excluídos à beira dos caminhos nas nossas estradas e campos, favelas e cidades, a exemplo de Jesus que se colocou no meio do povo como aquele que serve: “...quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês, e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate em favor de muitos” (Mc 10,43b-45).
7. A espiritualidade libertadora cria e cristaliza algo como uma “courage” de resistência ou de “resiliência”, como lembrava Marcelo Barros, onde “o que não mata, fortalece”, para continuar enfrentando, combatendo e vencendo aquelas forças que, no mundo, são hostis à construção e manifestação plena do Reino de Deus: “Neste mundo vocês terão aflições, mas tenham coragem; eu venci o mundo” (Jo 16,33b).

As CEBs, desde sua origem, com Abraão, as parteiras do Egito, ou o movimento de Jesus no evangelho e nos Atos dos Apóstolos, até nossos dias, alimentam o sonho da edificação de um outro mundo possível e uma outra Igreja também possível. Renovadas pelo Espírito Divino, fiéis a Jesus Cristo e em atitude permanente de abertura ao novo que teimosamente há de vir, elas são as felizes portadoras da Boa Notícia do Reino que é tarefa a ser concluída no mutirão dos que aprenderam a apanhar, sofrer, rir, chorar, amar, resistir, continuando nossa viagem no trem que agora nos leva a Porto Velho, em Rondônia, para o 12º Intereclesial, em 2009. Porque a caminhada continua, e com ela a utopia!

*Endereço dos autores:*

*Carlos César dos Santos*

Caixa Postal 491

36001-970 Juiz de Fora – MG/BRASIL

E-mail: carlos@cebsuai.org.br

*Gilvander Luís Moreira*

Rua Grão Mogol, 502 Carmo Sion

30310-010 Belo Horizonte – MG/BRASIL

Email: gilvander@veloxmail.com.br